



Bruna Gaston CB/DA Press



“BRASÍLIA É UM POLO JUNINO”

AO PODCAST DO **CORREIO**, TIAGO LUNIERE, DIRETOR DA LINQ-DFE, DESTACA O PROTAGONISMO DA CAPITAL DO PAÍS NO MOVIMENTO DE QUADRILHAS DE SÃO JOÃO E DESTACA A CADEIA PRODUTIVA QUE ENVOLVE TODO O SEGMENTO

» MARIANA SARAIVA

O Podcast do Correio recebeu, ontem, Tiago Luniere, diretor da Liga das Quadrilhas Juninas do Distrito Federal (LINQ-DFE), uma das três ligas que atuam no DF para falar sobre o movimento junino na capital. Na bancada, os jornalistas José Carlos Vieira e Mariana Saraiva conduziram a conversa sobre o circuito de quadrilhas juninas que se aproxima. Para Tiago, a capital do país é um polo junino, com uma identidade única, no modo de viver e de celebrar o movimento. “Brasília é referência em vários aspectos, seja técnico, artístico ou mesmo em termos de gestão. As nossas quadrilhas têm um nível muito alto”, afirmou.

Há quanto tempo a LINQ-DFE atua no movimento junino?

Hoje, a liga reúne 25 quadrilhas filiadas do Distrito Federal e do Entorno. Algumas têm mais de 40 anos de história, e outras se aproximam dos 50. A liga, em si, surgiu em 2002, quando os grupos, que até então atuavam de forma isolada, decidiram se unir. Nessa época existiam quadrilhas organizadas, mas faltava uma estrutura associativa. A criação da liga veio para preencher essa lacuna.

Qual a importância de uma entidade representativa para as quadrilhas?

A criação da liga foi um marco. Deu tão certo que os fundadores pegaram o carro e começaram a rodar o Brasil, incentivando a criação de federações nos estados, com base na experiência de Brasília. A LINQ-DFE foi a primeira entidade nesse formato e se tornou o embrião do movimento junino estatutário no país. Já existiam quadrilhas antes, claro, mas esse modelo de associação organizada começou aqui.

As quadrilhas do DF são referência no Brasil?

O movimento de Brasília se destaca pela formação de profissionais. Oferecemos capacitações técnicas, artísticas e de gestão. Por exemplo, um técnico de som que atua com quadrilhas ganha experiência que pode ser aplicada em qualquer evento. Hoje,

Bruna Gaston CB/DA Press



Estamos tentando inserir o movimento junino no campo acadêmico, fechando parcerias com universidades e faculdades para que ele se torne objeto de estudo. Sabemos que a cultura salva vidas

identificamos que muitos profissionais surgem de dentro das quadrilhas. Ao invés de contratar alguém de fora, as próprias quadrilhas formam e empregam seus talentos, com sensibilidade e conhecimento sobre o movimento.

Qual é a cadeia produtiva envolvida nas quadrilhas juninas?

O movimento junino movimenta uma grande cadeia produtiva. Vai desde os dançarinos, que estão na linha de frente, até o coreógrafo, o figurinista, os músicos, os profissionais da costura, da cenografia, inclusive os que cuidam dos fogos de artifício. É uma rede extensa e muito importante, com diversas funções sendo desempenhadas por trás dos palcos.

e as redes sociais das federações e grupos têm um alcance impressionante.

O que as quadrilhas representam para você?

Tudo. Estamos, inclusive, tentando inserir o movimento junino no campo acadêmico, fechando parcerias com universidades e faculdades para que ele se torne objeto de estudo. Sabemos que a cultura salva vidas. Muitas pessoas superaram depressão e ansiedade por meio da quadrilha. Ela tem esse poder transformador e isso precisa ser estudado e valorizado.

Quem é a atual campeã brasileira de quadrilhas?

A atual campeã nacional é do Distrito Federal: a quadrilha Arrocha o Nô, do Paranoá. No ano passado, eles apresentaram o tema “O Boneco de Vitalino”, um boneco de barro que, na noite de São João, ganha vida. Um espetáculo que encantou o país.

O movimento também é turístico?

Sim, é um dos nossos grandes objetivos: consolidar Brasília como um polo junino. Temos potencial e capacidade para isso. Este ano, o DF terá cerca de 14 ou 15 grandes eventos juninos, o que movimenta a economia e atrai turistas. O turismo junino é uma realidade que queremos fortalecer.

Como a liga contribui para a valorização da cultura nordestina no DF?

A liga se posiciona como um verdadeiro vetor de transformação. Brasília foi construída por nordestinos e seus filhos, que trouxeram e mantiveram suas tradições. A cultura vai se moldando à realidade local, e Brasília criou até seu próprio passo de dança: o Arriúna. A liga atua para preservar essas expressões e mantê-las vivas na nossa identidade cultural.



Aponte a câmera para o QRCode e assista na íntegra:

Marcelo Cândido / LinqDFE



Formiga da Roça, de São Sebastião, foi a vice-campeã do DF pela LINQ-DFE em 2024